

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

GT 04: SOCIOLOGIA, CORPOS E EMOÇÕES: CONDIÇÕES DE SAÚDE E
EXPERIÊNCIAS AFETIVAS JUVENIS EM CONTEXTOS ESCOLARES DO ENSINO
MÉDIO

**JUVENTUDES E SAÚDE: ALGUMAS INVESTIGAÇÕES TEÓRICAS
SOBRE SUAS VULNERABILIDADES**

Belém, Pará

2023



JUVENTUDES E SAÚDE: ALGUMAS INVESTIGAÇÕES TEÓRICAS SOBRE SUAS VULNERABILIDADES

Priscila Farfan Barroso ¹
José Ricardo Marques dos Santos ²

RESUMO

O presente trabalho visa trazer reflexões sobre o que tem sido produzido na investigação teórica na relação entre saúde e juventudes, mais especificamente no que pode ser enquadrado enquanto a vulnerabilidade vivida no período escolar. Para isso, parte-se dos conceitos de “vulnerabilidade individual, social e programática” (AYRES et al., 2006), levando em consideração três dimensões interdependentes que afetam a compreensão dos aspectos das vidas dos jovens. A metodologia que será utilizada envolverá levantamento bibliográfico a partir dos descritores “jovens” e/ou “saúde” e/ou “escola” nos principais portais de periódicos lançadas nos últimos dez anos. Com essa análise será possível refletir sobre sugestões para minimizar os efeitos destas vulnerabilidades e propor direcionamentos de políticas públicas, principalmente no âmbito do espaço escolar.

Palavras-chave: Juventudes, Saúde, Vulnerabilidades, Educação, Políticas Públicas

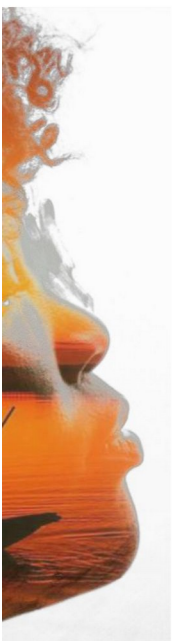
INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa trazer reflexões sobre o que tem sido produzido na investigação teórica na saúde de jovens, mais especificamente no que pode ser enquadrado enquanto a vulnerabilidade vivida no período escolar. Este é um momento de transição de papéis sociais no qual os jovens se expõem a situações concretas de risco e, por isso, problematizar estas situações nos levar a pensar em como minimizá-las.

Como aponta Ayres *et al.* (2003, p. 123), a vulnerabilidade considera a “exposição das pessoas ao adoecimento como a resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior suscetibilidade aos adoecimentos”. Mas conforme aponta Silva et al (2014), entre os jovens, essas vivências de

1 Docente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista – BA, mulher branca, priscila.barroso@uesb.edu.br;

2 Docente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista – BA, homem negro, jose.santos@uesb.edu.br;



riscos são percebidas como “problemas” mais individuais do que coletivos, por isso o estudo mais ampliado é tão importante. Sendo assim, é preciso considerar aspectos sociais e institucionais que impactam a vida dos jovens em relações o processo saúde/doença.

Para isso, parte-se dos conceitos de “vulnerabilidade individual, social e programática” (AYRES *et al.*, 2006), levando em consideração três dimensões interdependentes que afetam a compreensão dos aspectos das vidas dos jovens. A dimensão individual busca evidenciar a qualidade de informações de saúde disponíveis e como essas pessoas as absorvem para si. A dimensão social abarca fatores contextuais que afetam os comportamentos e práticas de saúde, como questões políticas, jurídicas, morais, etc. E a dimensão programática elucida como as instituições sociais – como as escolas, família, setores da saúde, políticas públicas – perpassam os jovens, neste caso, e colaboram para reproduzir condições de vulnerabilidade.

Alguns trabalhos já realizados (BELLENZANI e MALFITANO, 2003; FONSECA *et al.*, 2013; SILVA *et al.*, 2014) apontam a falta de conhecimento dos jovens sobre a vida sexual saudável, de responsabilidade, de condições materiais de vida, de comunidade seguras, de ações governamentais, de acesso a serviços de saúde, de educações e outras instituições. Entretanto, este trabalho busca atualizar essas análises para um contexto mais direcionado ao período escolar, já acrescentando o período de Pandemia da Covid-19 (ANDRADE, 2021; MEDIN, 2022; OLIVEIRA e LACERDA, 2022) que mostram como a saúde mental dos jovens foi impactada através do isolamento social e do ensino remoto.

Nesse sentido, o objetivo desse estudo é de levar em consideração as três dimensões de vulnerabilidade (AYRES *et al.*, 2006) – individual, social e programática – para discutir os diferentes aspectos que afetam a saúde dos jovens em processo de escolarização. E, através do resultado, refletir de forma mais aprofundada sobre medidas que possam ser trabalhadas no próprio ambiente escolar, mesmo em articulação com outras instituições sociais.

Uma das justificativas que sustenta este trabalho envolve o reconhecimento de diferentes dimensões que abarcam a saúde dos jovens, bem como a elucidação de aspectos que podem ser atribuídos à escola. Esta instituição, além da formação educativa, tem seu papel de propor medidas para melhorar as condições sociais e de saúde dos jovens em questão e deve ser acionada por meio da pesquisa acadêmica.

METODOLOGIA





Este trabalho é um recorte de um projeto de pesquisa³ desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) que visa analisar os estudos de jovens produzidos em âmbito nacional buscando identificar as experiências e os significados sociais atribuídos ao processo saúde/doença. O projeto está vinculado ao Grupo de Pesquisa “Juventudes, Educação e Saúde” (JES) registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no âmbito da UESB.

Neste primeiro momento, a metodologia que será utilizada envolverá levantamento bibliográfico a partir dos descritores “jovens” e “saúde” e “escola” no Scientific Electronic Library Online (SciELO). Interessa-nos, publicações de artigos com resumos escritos em português e que sejam lançadas nos últimos dez anos, ou seja, entre 2012 e 2022. O recorte deste período foi escolhido para dimensionar a discussão com informações atuais, bem como incluir o período de Pandemia da Covid-19, que também afetou a saúde dos jovens de forma significativa.

Após a definição dos artigos, cabe categorizar seus resumos a partir de aspectos relacionados com a saúde dos jovens a fim de compreender outras questões que abarcam essa temática de discussão. Na sequência, foram analisadas as vulnerabilidades que englobam cada categoria tendo como referência as dimensões expostas por Ayres *et al.* (2006). Com isso, é possível compreender a saúde dos jovens como algo que vai além do indivíduo e abarca o contexto social e institucional.

DESENVOLVIMENTO

Diante da proposta metodológica, foi realizada pesquisa na base de dados do SciELO a partir dos descritores em conjunto “jovens” e “saúde” e “escola” para acessar publicações de 2012 a 2022. A busca executada neste portal de periódicos procurou esses descritores em todos os índices, ou seja, título, resumo e periódico. Tendo em vista a obrigatoriedade das três palavras em conjuntos, chegamos ao total de 84 artigos. No entanto, foi preciso descartar aqueles artigos que não se referiam a realidade do Brasil, que não estavam focados em situações de saúde dos jovens, que não falavam de jovens que estavam período escolar, que

³ Projeto de Pesquisa ““Pro que der e vier”: perspectivas antropológicas da saúde dos adolescentes”, coordenado pela Profa. Dra. Priscila Farfan Barroso, cadastrado como projeto de pesquisa sem ônus na Resolução Consepe nº 14/2023 da UESB. Como se trata de um levantamento bibliográfico, o projeto não precisou passar por Comitê de Ética.



não abordavam as escolas metodologicamente ou analiticamente, que eram resenhas de livros, chegando a 35 artigos.

Então, após uma leitura dos resumos, cada artigo foi categorizado – a partir de interpretação das temáticas buscando trazer diferentes aspectos da saúde dos jovens – e, em seguida, foram destacados os tipos de vulnerabilidades (AYRES *et al.*, 2006) que envolvem cada categoria. As categorias encontradas para dar conta da saúde dos jovens foram abordadas pelo resumo dos artigos analisados.

Abramo (1997) aponta que os jovens são, muitas vezes, percebidos como difíceis de lidar e, como seriam intempestivos, envolvem-se com “problemas sociais”. Nesse sentido, quando se reflete sobre a saúde dos jovens, geralmente, focam-se em algumas questões, como gravidez na adolescência e uso de drogas.

O que me interessou ressaltar nesse breve elenco de anotações, é o fato de que, ao privilegiar o foco de nossa atenção sobre os jovens como emblemas dos problemas sociais, muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente; e, como consequência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos. [...] isso se acentua com os sujeitos juvenis de agora, atuando num plano comportamental e cultural sempre vizinho aos planos do hedonismo, por um lado, e da violência, por outro — e dessa maneira ajudando a compor a impressão geral de que a juventude hoje está confinada a proceder através de comportamentos de desregramento social. (ABRAMO, 1997, p. 35)

Entretanto, é preciso alargar essa compreensão para além das problemáticas destacadas pelo senso comum a fim de complexificar o que engloba, de fato, a saúde dos jovens em período escolar. Portanto, esse levantamento bibliográfico permite realizar essa façanha ao mesmo tempo que destaca as vulnerabilidades atribuídas aos aspectos que compõe a saúde dos jovens.

A “aptidão física” dos jovens envolve o estímulo das instituições por quais esses jovens passam, entretanto se pode identificar vulnerabilidade de dimensão programática quando as escolas não oferecem ações de promoção de saúde durante as atividades de educação física. Mesmo assim, os jovens podem realizar atividades individuais e coletivas no seu lazer. De qualquer forma, destaca-se que a realização ou não de atividades físicas impacta a saúde mental destes jovens. Aqueles que não realizam atividades físicas, explicitam vulnerabilidade da dimensão individual apresentando maiores possibilidades de transtornos mentais. Além disso, a dimensão social também pode apresentar vulnerabilidade quando os pais não apoiam a realização de atividades físicas, desconhecem a prática de atividades físicas e não tem hábitos de fazer atividades físicas.



Em relação a “perda auditiva” dos jovens, destaca-se a vulnerabilidade de dimensão individual a partir do próprio comportamento de exposição à música alta. Em um contexto em que os fones de ouvidos são difundidos como objetos de consumo, os jovens acessam cada vez mais esse artigo para ouvir música. Ao mesmo tempo, as festas de jovens contam com músicas altas que podem afetar a audição dos mesmos. Enquanto dimensão programática, a escola pode dispor de palestras educativas de forma mais frequente para mudar hábitos dos jovens na prevenção de perdas auditivas. A família também pode atuar nesta prevenção com supervisão dessa exposição dos jovens.

Em relação a categoria “alimentação”, que afeta diretamente a saúde dos jovens, apontam-se como dimensões individuais da vulnerabilidade para má alimentação: a diminuição do consumo de frutas e verduras e alta ingestão de glúten. Além disso, o sedentarismo, o sobrepeso a ingestão de bebida alcoólica podem ampliar os riscos para doenças cardiovasculares. Já como dimensão social, destaca-se que a vulnerabilidade pode estar no modo alimentar da própria família e pessoas com quem os jovens convivem. Nesse sentido, o comportamento individual também está relacionado ao comportamento do contexto social no qual os jovens estão inseridos.

Sobre o “uso de drogas” fica evidente a vulnerabilidade de dimensão social que se dá pela interação social dos jovens em contextos onde há acesso e uso de droga com maior facilidade. Quando os pais estão mais próximos das atividades dos filhos, isso pode inibir o consumo de álcool e outras drogas. Na dimensão individual, apresenta-se como vulnerabilidade como a realização de atividade sexual e também à percepção de solidão, pouco vínculo entre escola e pais e vivências de agressões no ambiente familiar. Na dimensão programática, além da família, destaca-se que a escola também pode ser protetora para inibir o uso de drogas quando há supervisão e cuidados diretos.

Sobre a categoria “saúde mental”, detecta-se vulnerabilidade na dimensão programática quando não há articulação entre jovens, comunidade e instituições sociais. No caso do *bullying*, esta dimensão se revela na falta de integração entre setores da saúde e da escola dificultando o tratamento do sofrimento psíquico do indivíduo. Em relação aos jovens que se auto lesionam, além de eles terem dificuldades de lidarem com problemas, pouco engajamento estudantil e avaliação negativa dos pares, a dimensão programática de vulnerabilidade dentro da escola soma-se ao baixo suporte familiar. Sendo assim, infere-se que escola ainda é um espaço de reprodução da violência que pode afetar a saúde mental dos jovens.



Estudos durante a pandemia, o isolamento social e a modalidade do ensino remoto impactaram diretamente a saúde mental dos jovens. No artigo analisado, a vulnerabilidade individual relacionada ao comportamento relacionado ao tempo de exposição a telas, a inversão de sono e as dificuldades com o ensino remoto, bem como vulnerabilidades da dimensão social que reforçaram os marcadores sociais da diferença resultaram em sintomas de ansiedade e depressão nos jovens.

O “cuidado com saúde” dos jovens também é uma categoria que aparece como relevante nos artigos analisados. De modo geral, os jovens têm uma autopercepção de saúde positiva, desconhecendo casos de doenças na família, entendendo que sua saúde é muito boa e que tem baixa probabilidade de serem acometidos por problemas de saúde. Essa visão pode ser ilusória sendo necessário aproximar a sua percepção da real condição de saúde. Mesmo assim, os jovens procuram profissionais de saúde, ainda que seja de modo menos recorrente, por questões relacionadas ao consumo de álcool, relação sexual sem preservativo, chiado no peito, dor de dente, hábito de higiene e atitude em relação ao próprio peso.

Revelou-se ainda um desconhecimento grande em relação a campanhas de vacinação de jovens, como a vacinação contra o HPV. Quando passam por uma situação de violência, poucos procuram ajuda, mas quando o fazem recorrem a amigos e familiares. Ainda assim, fica evidente que há uma vulnerabilidade da dimensão programática na busca do “cuidado de saúde” do jovem, uma vez que as instituições disponíveis, como as vinculadas à educação, saúde, assistência social não dão conta de acolher os jovens nestas demandas.

A categoria “questões de sexualidade” dos jovens tiveram maior número de artigos, demonstrando que essa temática ainda é bastante estudada quando se trata de pensar a saúde deste público. Em relação a dimensão individual, mesmo conhecendo os métodos anticoncepcionais e de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) os jovens se expõem aos riscos, fazendo uma “gestão de risco” que transita entre sexualidade e prazer. Ainda foi destacado um estranhamento e desconforto no uso de preservativo feminino pelas mulheres, preferindo outros métodos contraceptivos.

Na dimensão social as questões de gênero ficam em evidência. As meninas recebem mais informações sobre relações sexuais e conversam com parceiros no contato sexual para a prevenção de gravidez, entretanto, a gravidez antes dos 20 anos aparece como relacionada a pobreza e menor escolaridade. Nestes casos, sem ter oportunidades em outros âmbitos da vida, a gravidez se impõe como “projeto de vida”. Para jovens LGBT, também se explicita a discriminação, o abandono e a negligência a partir do contexto social que estão inseridos, reforçando estigmas do senso comum.

Na dimensão programática alertam-se para a importância da família e da escola para diminuição das vulnerabilidades que se impõe na sexualidade dos jovens. A conversa com a família ainda é considerada importante para o acesso a informações sobre sexualidade. Mas, como muitas famílias explicitam não se sentirem preparadas para tal conversa, há também a evidência de algumas restrições nestes diálogos e até LGBTfobia.

Ainda que as escolas informem que ensinam conteúdo e dispõem de material didático sobre o tema da sexualidade e ISTs, os estudantes de escolas privadas apresentam mais conhecimento a respeito do tema que estudantes de escolas públicas. A principal dificuldade no tema ainda parece ser no entendimento sobre a transmissão e contaminação de ISTs. Também aparece a LGBTfobia dentro dos espaços escolares. Sendo assim, as escolas precisam capacitar seus profissionais para lidarem com as temáticas de gênero e sexualidade, e também reforçar suas ações coletivas e sociais para prática preventiva, principalmente meio de programas educacionais e abordagem correta.

Também se percebe falta de articulação entre escolas e instituições de saúde reforçam as vulnerabilidades dos jovens. Nos serviços de saúde, assim como nas escolas, parece haver um despreparo dos profissionais de saúde para abordar as questões de sexualidade entre jovens e apresentar diversas formas de prevenir ISTs e gravidez, bem como popularizar o uso dos preservativos femininos. Dessa forma, cabe a instituições sociais proporem vivências mais humanas e protetoras sobre a questão da sexualidade dos jovens, principalmente os LGBT, que acolham a diversidade

Esse levantamento bibliográfico se encerra nestas categorias, mas ajudam a ampliar e complexificar a compreensão da saúde dos jovens em período escolar para além da questão de sexualidade e drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada utilizando os descritores “jovens”, “saúde” e “escola” no Portal de Periódico Scielo entre 2012 e 2022 encontraram-se artigos que permite ampliar a compreensão da saúde dos jovens em período escolar. Foram encontradas categorias como: aptidão física, perda auditiva, alimentação, uso de drogas, saúde mental, cuidado da saúde e questões de sexualidade. Cada uma destas categorias apresentam vulnerabilidades para os jovens que estão dispostas na dimensão individual, social e programática.

Na dimensão individual, que considera o comportamento e modo de vida, ainda vemos que os maus hábitos de alimentação, exposição a som alto, falta de atividade física, dificuldade em lidar com problemas, uso de drogas, pouco cuidado com a saúde, vivência de discriminação e sofrimento se constituem enquanto vulnerabilidades que afetam a saúde dos jovens. Mas a situação de saúde dos jovens não é apenas uma questão do indivíduo como se pensava anteriormente, e por isso cabe destacar outras dimensões que atuam de forma concomitante a dimensão individual.

Na dimensão social, que envolve a situação do sujeito em relação acesso a bens, consumo, direito, a falta de acesso a boa alimentação; o estímulo para a realização de atividades físicas; a interação social dos jovens em contextos onde há acesso e uso de droga com maior facilidade; o *bullying* na escola; a difusão parcial de informação sobre métodos contraceptivos e de prevenção de ISTs por gênero e escola; a discriminação, a negligência e abandono dos jovens LGBT se apresentam enquanto vulnerabilidades que impactam na saúde dos jovens.

Na dimensão programática, que abarca a mediação que as instituições exercem na vida das pessoas, evidencia-se claramente a importância de maior articulação entre família, escolas e instituições de saúde. Além disso, mostra-se necessário a capacitação de profissionais da educação e saúde para lidar com temas sobre sexualidade, drogas, saúde mental e cuidados da saúde dos jovens. Essa dimensão deve contar ainda com melhorias de políticas públicas que estejam preocupadas, de fato, com a saúde dos jovens.

Como reforça Ayres *et al.* (2006) temos de considerar essas três dimensões para pensar em como diversas vulnerabilidades atingem concomitantes um determinado público. No caso dos jovens, vemos como o contexto no qual estão inseridos impactam diretamente sua saúde. Ao mesmo tempo, reconhecer como cada dimensão afeta esses jovens nos permite chegar em estratégias para modificar as condições sociais e de saúde desta população.

A escola, que deveria ser um espaço difusão de informações para cuidado da saúde e local de promoção de saúde, nem sempre se destaca com esse objetivo. Esse alerta nos permite rever e repensar nas potencialidades do espaço escolar, pois:

É preciso concorrer para que os sujeitos sociais sejam alertados sim, mas que, para além disso, possam responder de forma que superem os obstáculos materiais, culturais e políticos que os mantêm vulneráveis, mesmo quando individualmente alertas, mais que ser informadas, é preciso que as pessoas saibam como se proteger e se mobilizem para que as situações estruturais que as tornam suscetíveis ao adoecimento sejam de fato transformadas. (AYRES *et al.*, 2006, p.384)

Por isso, esse estudo aponta para aspectos da saúde dos jovens que podem ser trabalhados nas instituições da educação com iniciativas específicas ou mesmo enquanto parte de ações de políticas públicas. Além disso, evidencia-se a importância da articulação das escolas com outras instituições sociais, reforçando o cuidado dos jovens.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 05, 1997. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf> > Acesso em: 01 nov 2022.

ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. Desigualdades e pandemia de COVID-19: contribuições para o debate sobre as particularidades socio-históricas, educacionais e das juventudes do Brasil. **Dialogia**, n. 39, 2021. Disponível em <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/20612>>. Acesso em: 20 mai 2023.

AYRES, J. R. C. M. et al. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: CAMPOS, G. W. S; BONFIM, J. R. A.; MINAYO, M. C. S.; AKERMAN, M.; DRUMOND JÚNIOR, M.; CARVALHO, Y. M., organizadores. **Tratado de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. p. 375-417. Disponível em <<https://repositorio.usp.br/item/001851472>>. Acesso em: 22 mai 2023.

AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 117-140.

BELLENZANI, R.; MALFITANO, A. P. S.. Juventude, vulnerabilidade social e exploração sexual: um olhar a partir da articulação entre saúde e direitos humanos. **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. Saude soc., 2006 15(3), p. 115–130, set. 2006. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/RTHPSJfwvzbzrvJ87p6XDLsq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 26 mai 2023.

FONSECA, F. F. et al.. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, n. Rev. paul. pediatri., 2013 31(2), p. 258–264, jun. 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rpp/a/Qtvk8gNNVtnzhyqhDRtLX6R/>> Acesso em 10 jun 2023.

OLIVEIRA, V. H. N.; LACERDA, M. P. C. de. Juventudes Brasileiras e a pandemia da Covid19: Apontamentos Sobre Educação e Saúde Mental. In: VIEIRA, Cristina Pereira; HENRIQUES, Susana; MOREIRA, J. António. **A capacitação para a educação digital e em rede: género, equidade e desenvolvimento: perspetivas internacionais**. Lisboa: Universidade Aberta, 2022.

MEDIN, M. L. Juventudes y educación secundaria en contexto de pandemia. **Revista nuestraAmérica**, vol. 10, núm. 19, e6571179, 2022. Disponível em <<https://www.redalyc.org/journal/5519/551969881012/html/>>. Acesso em: 10 jun 2023.

SILVA, M. A. I. et al.. Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. Ciênc. saúde coletiva, 2014 19(2), p. 619–627, fev. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9bFqbrkRMXTCrrwXGHyvfMp/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 17 jun 2023.

